

**2a. PARTE — POESIA**

## SAUDAÇÃO A CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE NO SEU CINQUENTENÁRIO DE POESIA

**Artur Eduardo Benevides**

Que poderei dizer-te em frágil verso,  
ó poeta geral, hierofante puro,  
andarilho outonal, luz que brilha no escuro  
a iluminar as queixas e metáforas?  
Teus pés nos andam. Teu gesto  
ressofre a nossa espera tão opaca  
e ao breve amor na tarde se desata  
e vem-nos proíngar.  
Doeu-te aquela pedra no caminho.  
E um novo santo do Aleijadinho  
vieste a ser  
nos módulos do tempo.  
Ficaste à sombra de doces cata-ventos  
no infêmero vezo de cantar.  
E ouviste, ó fazendeiro do ar,  
gramofones e vozes vespertinas  
a refazer as horas sobre Minas  
e os ventos nos gerais.  
E tua lira  
(vigil, sofrida, magra, malferida)  
cresceu em dor e evocações fatais.  
Oh, no plúmbeo chão dos homens apanhaste  
queixumes e súplicas insones.  
E por onde vagaste? A que lume ou negrume  
conduziste o olhar?  
Ao claro enigma? Ao brejo das almas?  
Ao frêmito das gestas? Ao final das festas?

Ou à rosa do povo, que jamais findou?  
É certo: teu verso nos legou  
o sentimento do mundo, como suma  
de teu vasto saber.  
E ensinaste-nos a ver  
o mito, a provisão, a náusea e o sangue  
de um ser em coágulos, exangue,  
na expectativa de um tigre  
enfurecido.  
Em teu jeito de antílope ferido  
em teu rosto anguloso  
no ardiloso  
sopesar de nuvens e de guerras  
percebes de súbito o que se encerra  
nas cápsulas do medo.  
E vês, ao longo, a lua embriagada  
nos versos, nos loucos e nas grávidas,  
nos frutos e marés.  
Sabes todas as cousas. És  
o barqueiro que chega aqui e lá.  
Mas tens que competir e navegar  
e jogas exorcismos sobre os dias  
que prendem nossa mágoa a Babilônia.

Ó poeta civil, ó olho vertical,  
teu verso, incircunstancial,  
sangra.  
E de indóceis dilúculos e insônias  
vem. Daqui e mais dalém.  
É a perdiz infeliz. O vinho  
da colheita. A lágrima transfeita  
em álbum e confissão.  
É o transparente chão  
por onde passam os homens.  
Cão que ladra nas trevas  
e tem fome  
de ausências e dores que há em nós.  
E ouves de José a pobre voz  
espetada no fundo de um poço.

Tomas da viola e com esforço  
reinauguras as cousas que se acabam.  
E a chuva cai nos teus olhos e vem  
das estradas de Minas e do mundo  
Moderno, és eterno. És profundo.  
És como as puras águas de verão.  
Tua tristeza dói. E em solidão  
a taça de teu vinho se quebrou.  
A canoa no rio se perdeu.  
E ficaste a olhar o meu e o teu  
destino.  
A escutar, num tempo em desatino,  
mínuanos presos num cristal.  
E quem és, afinal?  
Aprendeste a transver o ser humano  
em seu lábil viver, por entre os danos  
flamejantes de sua condição.  
Percebeste o sem-fim do desamor  
e o guarda-chuva abriste sob o espanto  
da multidão em anátema e sem cor.  
Às vezes, da cadeira de balanço,  
vês Itabira no alto da parede.  
E ela refaz-se em ti  
qual grito ou sede.  
E relanças ao rio tuas malhas.  
Mas turvas são as águas e te dão  
as pálpebras de mortos esquecidos.  
Limpo sempre estás e sóbrio sob  
as danações e penas tão sofridas.  
Entanto, o tempo, lento,  
destrói a paz e as estações  
perdidas.  
E tudo morre. Só o que é belo  
remadruga no nosso coração.  
Mas estamos, então, a mastigar  
as palavras do adeus no nosso pão.  
E te ergues de fainas e batalhas.  
No âmago da noite cravas

o epitáfio total.  
És um oráculo. Um espírito  
clássico e casto.  
Mantens teus compromissos  
com o êxtase e as tardes.  
E sabes que teu verso  
(dosado em pedra e cal, disciplinado  
nos laudêmios devidos à verdade)  
vem, talvez, de um breve suspirar  
por cartas que não chegam ou por um par  
de janelas que se abrem em dor e valsa.  
Lá embaixo  
os solitários passam insolidários.  
Morcegos devoram-se no caos.  
E um clamor se ergue passional,  
de tropéis e quartéis, enquanto  
em lentidão apagam-se as fogueiras.

Ai, dissabores tivemos e canseiras!  
Nossa véspera cresce num deserto.  
E nem sabemos se estamos longe ou perto  
do fim.  
Perdes teus haveres e querereres.  
A sotavento ficas e assim  
vês Quixote na sombra de teus passos.  
Estamos a gritar. Os olhos, baços,  
E se tudo se foi, por que desvelos?  
As torres do silêncio despencaram.  
As ovelhas nas roças já morreram.  
E recebes, nos versos, os destons  
do mundo em megatons e pesadelos.  
E a lembrança de Minas recompõe  
as verdes sesmarias.  
És finissecular. Reassovias  
memórias e vãs venerações.  
Invidias sofres. Nas antevisões  
o futuro ficas a prover.  
E estar perto de ti é amanhecer.

É ter os vilancetes da esperança.  
No teu verso, flauta que não cansa,  
a aurora vem. E o amor também.  
Maduros quais nêspas e prantos.

Por isso vim saudar-te.  
Vim trazer-te o louvor desta seresta.  
Vim jogar a teus pés esta discreta  
cantiga de querença e lealdade.  
E com respeito gravarei teu nome  
sobre a concha e a laje do meu verso.  
Carlos Drummond de Andrade — no universo  
de teu Canto maior nos abrigamos.